

REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS DIAGNOSTICADOS COM TEA

SOCIO-SPATIAL REPERCUSSIONS OF CANONICAL CINEMATIC IMAGES ON THE EDUCATIONAL TRAJECTORIES OF UNIVERSITY STUDENTS DIAGNOSED WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

REPERCUSIONES SOCIOESPAZIALES DE LAS IMÁGENES CINEMATOGRAFICAS MÁS CRISTALIZADAS EN LA VIDA-FORMACIÓN DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS DIAGNOSTICADOS CON TEA

Eduardo Gomes Moraes¹ <https://orcid.org/0009-0004-1970-1920>
Willian Falcão Lopes² <https://orcid.org/0000-0002-2404-365X>

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; edugomo2004@gmail.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Vitória da Conquista, Bahia, Brasil; willian.lopes@uesb.edu.br

RESUMO: Intencionamos, com esta investigação, descrever e interpretar, nas percepções de discentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), as repercussões socioespaciais de imagens cinematográficas mais cristalizadas na vida-formação de pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Para isso, apoiamos-nos em abordagens qualitativas de base fenomenológica e hermenêutica e no Método Fenomenológico de base Empírico-Interventiva (MFE-I). Para seu desenvolvimento, realizamos observação participante em um grupo focal, entrevistas fenomenológicas com sete discentes universitários com TEA e análise fílmica de três longas-metragens. O campo empírico foi a UESB. Nesse contexto, os resultados revelam imagens cinematográficas mais cristalizadas relacionadas às pessoas com TEA, produzindo uma redução de sentidos, à medida que são apresentadas como superdotadas ou incapazes. Tais reduções tendem a repercutir nas relações sociais de pessoas autistas, implicando diretamente no entendimento coletivo sobre o espectro. No entanto, os discentes investigados apresentam possibilidades de desconstrução dessas imagens, apontando alternativas voltadas ao cuidado nas produções cinematográficas sobre esse diagnóstico, como a escuta e a participação de pessoas com autismo e a ampliação da diversidade de gênero, étnico-racial e etária nas produções que retratam o TEA.

Palavras-chave: Docência universitária; Fenomenologia Empírico-Interventiva; Psicologia e Educação; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT: We intended, through this investigation, to describe and interpret, from the perceptions of students at the State University of Southwest Bahia (UESB), the socio-spatial repercussions of more crystallized cinematic images in the life-formation of people diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD). To this end, we relied on qualitative approaches grounded in phenomenology and hermeneutics, as well as on the Empirical-Interventionist Phenomenological Method (EIPM). For its development, we conducted participant observation

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

in a focus group, phenomenological interviews with seven university students diagnosed with ASD, and a film analysis of three feature-length films. The empirical field was the UESB. In this context, the results reveal more crystallized cinematic images related to people with ASD, producing a reduction of meanings insofar as they are portrayed as either gifted or incapable. Such reductions tend to reverberate in the social relations of autistic people, directly affecting the collective understanding of the spectrum. However, the students investigated present possibilities for deconstructing these images, pointing to alternatives aimed at greater care in cinematic productions about this diagnosis, such as listening to and including people with autism, as well as expanding gender, ethnic-racial, and age diversity in productions that portray ASD.

Keywords: University teaching; Empirical-Interventive Phenomenology; Psychology and Education; Autism Spectrum Disorder.

RESUMEN: Intencionamos, con esta investigación, describir e interpretar, desde las percepciones de estudiantes de la Universidad Estatal del Suroeste de Bahía (UESB), las repercusiones socioespaciales de imágenes cinematográficas más cristalizadas en la vida-formación de personas diagnosticadas con Trastorno del Espectro Autista (TEA). Para ello, nos apoyamos en enfoques cualitativos de base fenomenológica y hermenéutica y en el Método Fenomenológico de base Empírico-Interventiva (MFE-I). Para su desarrollo, realizamos observación participante en un grupo focal, entrevistas fenomenológicas con siete estudiantes universitarios con TEA y análisis fílmico de tres largometrajes. El campo empírico fue la UESB. En este contexto, los resultados revelan imágenes cinematográficas más cristalizadas relacionadas con las personas con TEA, produciendo una reducción de sentidos, en la medida en que son presentadas como superdotadas o incapaces. Tales reducciones tienden a repercutir en las relaciones sociales de las personas autistas, implicando directamente la comprensión colectiva sobre el espectro. Sin embargo, los estudiantes investigados presentan posibilidades de deconstrucción de estas imágenes, señalando alternativas orientadas al cuidado en las producciones cinematográficas sobre este diagnóstico, como la escucha y la participación de personas con autismo y la ampliación de la diversidad de género, étnico-racial y etaria en las producciones que retratan el TEA.

Palabras clave: Docencia universitaria; Fenomenología empírico-interventiva; Psicología y Educación; Trastorno del espectro autista.

Imagens introdutórias

Frequentemente relacionadas ao sentido físico-material, seja enquanto fotografias, pinturas, desenhos, entre outros, as imagens podem, ainda, ser entendidas como construções mais simbólico-subjetivas, tais como poesias, pensamentos, percepções e imaginações (Sartre, 1996; Araújo, 2016). Para Lopes, Macêdo e Sitja (2023), fenomenicamente, as imagens são interpretadas enquanto manifestações em formas-conteúdos, que podem vir-a-ser mais cristalizadas ou mais abertas, a depender, intimamente, das intencionalidades das pessoas ou dos grupos que as compõem.

Desse modo, essas imagens, sejam elas configurações físico-materiais ou simbólico-subjetivas, podem implicar nas formas pelas quais a pessoa pensa-sente-age sobre si mesma ou

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

pelas quais os outros podem pensar-sentir-agir para com ela. A questão em destaque é que, quando configuradas enquanto dispositivos cinematográficos (filmes, séries etc.), as imagens podem tanto compartilhar experiências singulares em suas potencialidades quanto se constituir em grandes difusores de (des)informações, implicando diretamente na vida das pessoas. Nesse contexto, em nossa investigação, problematizamos as imagens mais cristalizadas, as quais carregam consigo preceitos estereotipantes ou estigmatizantes, capazes de afetar diretamente diversos grupos sociais “minoritários” (negros, LGBTQIAPN+, pessoas neurodivergentes, pessoas com deficiência, quilombolas etc.). Tais cristalizações, segundo Lopes (2024), podem se consolidar tanto no reducionismo dos plurissentidos das imagens de grupos minoritários, auxiliando na produção de desigualdades sócio-político-espaciais, quanto no fortalecimento da permanência e dos privilégios de grupos hegemônicos.

No que se refere às imagens mais cristalizadas propagadas pelos dispositivos cinematográficos, um dos grupos fortemente afetados, fenômeno investigado em nosso estudo, são as pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), as quais, por meio de perspectivas capacitistas e excludentes, podem vir-a-ser apresentadas unicamente enquanto gênios ou autodidatas, como se não precisassem de auxílio em sua vida-formação, ou como extremamente insociáveis e incapazes de frequentar espaços acadêmicos e sociais, entre outros. Isso leva a uma percepção mais enrijecida do TEA, compreendido como um fenômeno uniforme, esquecendo-se da pluralidade que envolve esse diagnóstico.

Em síntese, sublinhamos que o TEA é um diagnóstico que agrupa várias condições biopsicossociais, atribuído a pessoas neurodivergentes que compartilham alterações, principalmente em duas grandes áreas do comportamento humano: a comunicação social e os interesses e comportamentos restritos e repetitivos (Mendonça, 2019). Além disso, para Schmidt (2017), o TEA é atravessado por uma intensa heterogeneidade fenotípica, ou seja, as pessoas por ele afetadas tendem a apresentar características físicas e comportamentos distintos quanto aos níveis de manifestação, o que não permite que o transtorno seja identificado por meio do enrijecimento dessas características.

Outra questão levantada sobre o TEA é o forte aumento de pessoas diagnosticadas com esse transtorno, o que estudos nos campos da Psicologia e da Psiquiatria têm associado ao desenvolvimento, à sensibilidade e à melhor delimitação dos instrumentos diagnósticos, além da maior discussão e propagação de conhecimento sobre o autismo (Schmidt, 2017). Diante disso, tem-se tornado cada vez mais necessário desconstruir imagens cinematográficas mais cristalizadas, uma vez que os mencionados campos indicam uma maior evidência das implicações destas na vida das pessoas.

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

No que consiste à escolha do tema, apontamos nosso maior contato com a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), espaço-tempo implicado com a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida de Pessoas com Deficiência (PcDs) e neurodivergentes. Esse contato nos proporcionou um diálogo direto com as experiências de pessoas com TEA e de seus cuidadores (mães, pais etc.), o que nos implicou atenção para o quanto imagens cinematográficas mais cristalizadas repercutem socioespacialmente em suas vidas. Mobilizados por essas questões e pela continuidade das políticas de ações afirmativas relacionadas ao acesso de PcDs e neurodivergentes aos cursos de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), uma vez que a “[...] Resolução Consepe nº 50/2023 prorrogou, em seu Art. 1º, a vigência do Programa de Ações Afirmativas por mais quinze anos - anteriormente prevista pela Resolução nº 36/2008 em seu Art. 9º” (Lopes; Oliveira; Karam-Filho, 2025, p. 268), elaboramos a seguinte questão problematizadora de pesquisa: De que forma discentes universitários da UESB, diagnosticados com TEA, percebem as repercussões de imagens cinematográficas mais cristalizadas em suas vidas-formações?

Diante disso, tivemos como objetivo geral descrever e interpretar, nas percepções de discentes da UESB, as repercussões socioespaciais de imagens cinematográficas mais cristalizadas na vida-formação de pessoas diagnosticadas com TEA. Sublinhamos que a utilização de dois verbos em um objetivo geral “[...] está relacionada a tradições de pesquisa fundamentadas nas correntes filosóficas da Fenomenologia e da Hermenêutica, as quais orientam tanto os (des)caminhos teórico-metodológicos quanto o rigor epistêmico da investigação” (Silva; Lopes, 2025, p. 05).

Para alcançar os objetivos propostos, nos apoiamos nas abordagens qualitativas de pesquisa, de base fenomenológica e hermenêutica, tendo como Método o Fenomenológico de base Empírico-Interventiva (MFE-I), de Lopes (2024). No que se refere aos dispositivos de produção de informações, realizamos entrevistas fenomenológicas, observação participante em um grupo focal atento às imagens cinematográficas mais cristalizadas relacionadas às pessoas diagnosticadas com TEA e análise fílmica de três longas-metragens relacionadas às mencionadas imagens. Tais dispositivos foram implementados com sete discentes universitários diagnosticados com TEA, sendo o campo empírico a UESB, *campus* de Vitória da Conquista-BA. Já sobre a perspectiva de descrição e interpretação das informações, foi adotada a perspectiva fenomenológica.

No que diz respeito à organização desta investigação, inicialmente discutimos conceitos relacionados às imagens na perspectiva fenomenológica, bem como as características nucleares que configuram o diagnóstico do TEA. Em seguida, no marco teórico, aprofundamos a

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

discussão sobre as características que constituem o TEA e as imagens mais cristalizadas. Na sequência, abordamos as bases teórico-metodológicas que orientam o percurso investigativo. Na seção posterior, apresentamos a descrição e interpretação dos resultados e discussões produzidos a partir da entrevista fenomenológica, do grupo focal e da análise fílmica, acerca das repercussões das imagens cinematográficas mais cristalizadas na vida-formação de pessoas diagnosticadas com TEA. Por fim, realizamos uma síntese dos conceitos problematizados e das interpretações elaboradas a partir do conhecimento produzido ao longo da investigação.

Imagens do TEA: pressupostos teórico-conceituais da investigação

“O que é autismo? Uma deficiência para a vida toda ou uma ‘natural’ forma de diferença cognitiva semelhante à genialidade? Na verdade, autismo são essas duas coisas e mais, e o futuro da nossa sociedade depende do entendimento disso.” (Silberman, 2015 *apud* Mendonça, 2019, p. 7). Esse questionamento já foi realizado em diferentes temporalidades, na Psiquiatria, na Psicologia e no cotidiano popular; porém, nem sempre foi respondido com a mesma interpretação de Mendonça (2019). Nesse sentido, a definição de autismo já passou por diferentes classificações e nomenclaturas nos mais variados espaços-tempos.

Dentre essas diferentes conceituações, o diagnóstico de autismo, sob a denominação de Transtorno Autista, surge em alguns manuais médicos por volta da década de 1980, caracterizado anteriormente pela abordagem psicodinâmica, que se referia ao transtorno como Reação Esquizofrênica do Tipo Infantil, ainda não descrita criteriosamente para embasar uma categoria diagnóstica (Schmidt, 2017). A descrição psicopatológica se alicerça nas formulações de Kanner (2012, p. 168), ao refletir sobre crianças com “[...] desejo muito forte de solidão e ausência de mudança”, sendo um dos fundadores que designa o autismo como um quadro psicopatológico denominado distúrbio autístico do contato afetivo.

Nesse contexto, inicia-se a investigação de possíveis causas para esse quadro psicopatológico; daí, surge a culpabilização dos pais, principalmente das mães. O próprio autor fazia descrições de seus casos, relatando a frieza materna e descrevendo essas mães como incapazes de desenvolver afetos pelos filhos, diante da forma como eles são (Donvan; Zucker, 2017). Por um longo período, prevaleceu a ideia de culpabilização parental no acompanhamento e na abordagem do autismo. Somente com o avanço do conhecimento científico e a movimentação dos “pais de autistas”, essa narrativa começa a mudar, trazendo a perspectiva de ser “[...] plausível que tais comportamentos, tidos como prova de ‘frieza’, resultassem da exaustão e da confusão, da aparente indiferença do filho pelas palavras e contatos amorosos da

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

mãe” (Donvan; Zucker, 2017, p. 127). A partir disso, começa-se a priorizar uma etiologia baseada em causas orgânicas.

Essa perspectiva de culpabilização dos pais pode ser observada, por exemplo, na cinebiografia *Temple Grandin* (2010). A obra retrata a história real de Temple Grandin, uma mulher com autismo, e sua trajetória de enfrentamento das dificuldades em uma época na qual o autismo era pouco conhecido e compreendido. Na trama, por não desenvolver a fala até os quatro anos de idade, Grandin passou por uma avaliação psiquiátrica que lhe trouxe o diagnóstico de autismo em meados da década de 1950. A explicação recebida para a causa do diagnóstico afirmava que a condição havia sido provocada por restrições afetivas por parte da mãe, refletindo as ideias de Kanner (2012).

Paralelamente a essas interpretações, surgem movimentos que caracterizavam o autismo sob uma vertente deficitária, a qual se propõe a investigar suas questões cognitivas, partindo do cenário em que ele seria “[...] uma versão deficitária do que seria a normalidade” (Bialer; Voltolini, 2022, p. 10). Por outro lado, o público diagnosticado com autismo traz uma oposição a essa perspectiva, apresentando a ótica de que o autismo poderia ser interpretado como uma forma diferente de funcionamento psíquico, sem recorrer ao filtro da “normalidade” como parâmetro interpretativo, ressaltando a relevância do respeito à diferença (Mottron, 2004).

Nesse viés, Mottron (2004) ainda realça a relevância dos relatos de pessoas com autismo para a compreensão de sua lógica. Essa possibilidade de abertura às falas dessas pessoas abre portas para uma nova perspectiva na ciência e nas produções culturais. Dessa forma, ao serem produzidos por esse grupo, esses relatos tensionam a discussão e o debate público sobre o autismo, promovendo uma perspectiva que sai unicamente de uma vertente deficitária para ser reconhecida como uma condição subjetiva. A partir da possibilidade de atenção à neurodiversidade que atravessa a vida humana, emerge a concepção de neurodivergência, que também se distancia da vertente deficitária e se apresenta enquanto uma organização neurológica divergente, revelando a importância da participação das perspectivas, dos autores e das vozes de pessoas com autismo no processo de compreensão da lógica do transtorno.

Nessa direção, frente aos avanços atuais na área da Psicologia e da Psiquiatria e considerando a pluralidade existente no próprio público com autismo, percebemos diferentes narrativas no interior do quadro diagnóstico, do qual emerge o termo TEA. O transtorno engloba diversas condições clínicas, resultantes de configurações neurológicas atípicas, relacionadas à forma como os neurônios se conectam, se organizam e operam na integração, recepção e transmissão de informações entre as áreas do cérebro (Mendonça, 2019).

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

Ao considerar essas configurações que envolvem pessoas com autismo, as quais podem variar entre pessoas com TEA, observamos, principalmente, alterações em dois aspectos centrais do comportamento humano: a comunicação social e os comportamentos e interesses restritos e repetitivos. Para Mendonça (2019), ao abordar a comunicação social, é importante ressaltar que ela vai além da linguagem oral, abrangendo toda a estrutura de troca de informações, de forma verbal e não verbal, entre o emissor (quem transmite a mensagem) e o receptor (quem a recebe e interpreta).

No que se refere à comunicação, sublinhamos que, para que essa aconteça de forma qualificada, faz-se necessário um bom domínio e compreensão do código utilizado para transmitir a mensagem. No caso da linguagem oral, isso vai muito além de conseguir pronunciar os sons e formar as palavras, sendo necessário organizá-las de maneira coerente, seguindo determinado tom e inflexão da voz, pois esse aspecto também altera a mensagem que se intenciona passar (Mendonça, 2019). Sob essa perspectiva, no espectro do autismo, as alterações na comunicação podem abranger diferentes quadros, como:

Pessoas que não falam, mas que conseguem se comunicar de outra maneira; pessoas que falam, mas não conseguem expressar-se com clareza, que apresentam pronúncia pouco inteligível, e fazem uso de vocabulário atípico ou repetem, muitas vezes, as próprias falas/falas de outras pessoas ou de filmes, por exemplo; pessoas que falam muito bem, até com riqueza de vocabulário e sintaxe perfeita, mas de forma inadequada a determinado contexto, ou de forma robotizada, sem inflexão de voz ou com alterações de fluência (Mendonça, 2019, p. 14).

Sobre essas características, podemos inferir que as alterações na comunicação podem marcar, de maneiras diferentes, as pessoas no espectro do autismo, podendo afetar, de variadas formas, o seu domínio da linguagem. Ademais, para Mendonça (2019), é importante ressaltar que a dificuldade em emitir uma mensagem nem sempre significa que a pessoa possui dificuldade para compreendê-la. Assim, mesmo se a pessoa com autismo não for oralizada, ainda é possível que ela consiga interpretar as mensagens externas.

Por sua vez, no que se refere aos comportamentos e interesses restritos e repetitivos, assim como na comunicação social, estes podem se manifestar de diferentes formas e intensidades em pessoas com autismo. Nessa perspectiva, tais padrões podem se revelar de diversas maneiras, como:

Fixações em determinados assuntos e insistência em ater-se a eles; atenção a detalhes em detrimento do todo e dificuldade de generalização do aprendizado; apego à rotina, necessidade de manter hábitos rígidos, presença de manias e ritualizações, dificuldade em adaptar-se a mudanças; movimentos ou uso de objetos de forma atípica e estereotipada; rigidez de pensamento,

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

falta de flexibilidade para aceitar diferentes perspectivas; hiper ou hipossensibilidade a aspectos sensoriais do ambiente (luz, barulhos, cheiros, sensações tácteis, sensibilidade a frio/calor/dor), resultando em comportamentos de busca ou de fuga peculiares (Mendonça, 2019, p. 16).

Ao considerar esse conjunto de características, notamos que elas podem se manifestar de maneiras e intensidades distintas, bem como que existem outros fatores singulares que influenciam o desenvolvimento de pessoas autistas, tais como suas histórias de vida e as comorbidades que podem coocorrer com o TEA (pessoas que podem apresentar diagnósticos concomitantes, como TEA e TDAH ou outras deficiências). Dessa forma, evidenciamos a complexidade presente no espectro autismo. Nesse sentido, torna-se essencial a realização de um diagnóstico cuidadoso, aliado a um acompanhamento planejado e adequado às necessidades específicas da pessoa com TEA.

Diante dessa complexidade, para compreendermos o que seria o TEA leve, moderado e severo, leva-se em consideração o grau de suporte necessário para construir qualidade de vida para a pessoa com autismo. Dentro dessa lógica, os autistas leves possuem menor grau de suporte, nível 1, geralmente com vida mais independente, podendo ou não precisar de apoio em situações específicas. Os moderados, nível 2, necessitam de apoio substancial, com prejuízos médios na coordenação motora e na fala. Já o severo, nível 3, depende completamente de apoio para a realização de atividades da vida cotidiana, com maior intensidade das características do TEA e prejuízos graves na fala, interação social e coordenação motora (APA, 2014).

Além disso, outra característica que pode vir-a-ser associada ao TEA é a superdotação/altas habilidades, que indica um alto desempenho em uma área, seja ela acadêmica, artística etc., associada, geralmente, com o transtorno no nível 1. Em geral, uma criança com altas habilidades pode possuir vasto conhecimento em algumas áreas e, em outras, não ter pontos fortes, podendo apresentar, inclusive, algumas dificuldades de aprendizagem em determinadas áreas de conhecimento no âmbito educacional (Cipriano; Zaqueu, 2022). Essa condição ainda necessita de estudos mais aprofundados, sendo necessária a ampliação desse entendimento por parte das equipes interdisciplinares dos espaços-tempos educativos, a fim de que os atravessados pelo mencionado acometimento desenvolvam suas potencialidades, promovendo uma redução daquilo que se refere às maiores desigualdades para essas pessoas.

Dentro dessa reflexão acerca das diferentes visões sobre um mesmo grupo social, é possível observar transformações ao longo da história. Considerando que ainda há esforços para melhor compreender o diagnóstico e suas implicações na participação social desse grupo, evidenciamos a importância de investigar as imagens que atravessam a vida-formação dessas pessoas no contexto contemporâneo. Esse aspecto torna-se ainda mais relevante ao se

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

considerar uma das principais fontes difusoras de informação: as imagens cinematográficas, especialmente os filmes e as séries televisivas.

Sob essa perspectiva, ressaltamos que toda condição humana é social e perpassa a cultura, ou seja, as imagens construídas socialmente podem implicar no modo como uma pessoa se entende, se identifica e pensa-sente-age em relação a si. A forma como o autismo é produzido intersubjetivamente nesse cenário pode, dessa maneira, afetar a forma de viver, seja através da visão de outras pessoas sobre ela, pelo afeto recebido, pela amplitude do acesso aos dispositivos (políticas públicas, direitos sociais etc.) ou pelas possibilidades de ser incluído e respeitado. Assim, o desenvolvimento da pessoa com TEA, dentro do seu potencial, depende do que é disposto material e simbolicamente no meio social (Mendonça, 2019).

Para aprofundar essa discussão, destacamos o contexto sócio-político-espacial contemporâneo de produção dessas imagens, marcado pela redução dos plurissentidos que envolvem o ser humano em favor de uma lógica hegemônica atravessada por valores desumanizantes. Conforme Lopes, Macêdo e Sitja (2023), em um cenário global produzido pelos processos de globalização e neoliberalismo, a diminuição de políticas públicas de bem-estar social, alinhada aos interesses do capital financeiro hegemônico, tem ampliado relações de poder que mobilizam processos de inclusão e exclusão social, ao mesmo tempo em que mercantilizam áreas como Educação e Saúde e aprofundam desigualdades. Nessa perspectiva, a redução do potencial das imagens para representar a diversidade não ocorre de forma neutra, mas intencionalmente, em benefício da reprodução do capital. Tal redução, para além de uma dimensão estritamente econômica, contribui para a produção de desigualdades, para a manutenção de privilégios de grupos hegemônicos e para a consolidação de valores e moralidades socialmente legitimados por esses grupos.

Dentro desse cenário de favorecimento de grupos hegemônicos, Lopes, Macêdo e Sitja (2023) salientam que há uma modelagem social atravessada por valores desumanizantes, sustentada por instituições como a religião, o governo e a economia, entre outras. A força dessas instituições intenciona a produção da cultura, das obras cinematográficas e de outras composições dos cenários sociais, atuando na configuração das percepções do que pode ser compreendido como “normal” ou não. Essas concepções de “normalidade” frequentemente desconsideram a diversidade presente no ser humano, em termos de culturas, orientações sexuais, gêneros, grupos étnico-raciais, linguagens e neurodiversidade, as quais vão “[...] além das imagens mais cristalizadas do ‘normal’, enquanto norma ou regra, e do patológico, como transtorno, ou doença, ou ‘loucura’” (Lopes; Macêdo; Sitja, 2023, p. 192-193).

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

Por fim, a descrição e a interpretação das percepções de discentes universitários, diagnosticados com TEA, podem assumir perspectivas que enfatizam a soberania das concepções dos grupos hegemônicos na produção cultural e na criação de imagens mais cristalizadas, bem como evidenciar percepções positivas acerca das imagens cinematográficas construídas sobre as pessoas com TEA. Nesse sentido, cabe, a partir desta investigação qualitativa, discutir as implicações dessas imagens na vida-formação desses discentes.

Fluxos metodológicos: orientações dos (des)caminhos da pesquisa

Tivemos como fundamento para essa investigação as abordagens qualitativas de pesquisa, as quais, frente às correntes filosóficas da Fenomenologia e da Hermenêutica, concentram-se em compreender fenômenos sociais a partir de uma perspectiva descritiva e interpretativa. Conforme Mucchielli (1991), essas abordagens envolvem atenção e contato com fenômenos reais-imaginários, considerando que nem sempre eles podem materializar-se, como é o caso de uma crença, uma percepção, uma imaginação, um pensamento, entre outros.

Nesse sentido, o método que adotamos foi o MFE-I, proposto por Lopes (2024). Tal método, geralmente acolhido por pesquisas empíricas de caráter interventivo e/ou psicossocial no contexto grupal, tem como ponto de partida o estabelecimento de acordos grupais coletivo-colaborativos, que correspondem às regras firmadas entre o pesquisador e os participantes da pesquisa, bem como entre os próprios participantes. Desse modo, torna-se possível identificar os valores, atitudes e comportamentos esperados pelos participantes do processo. O MFE-I favorece um clima grupal mais agradável e potencializador, principalmente quando se preocupa com o acolhimento dos marcadores sociais que atravessam o mapeamento interseccional dos participantes.

Ademais, após o acolhimento, é desenvolvida a *epoché*, que consiste em colocar em suspensão as construções (juízos de valor, preconceitos etc.) do mediador, para que seja possível entender as vivências dos participantes de maneira mais “livre”, empática, sensível e aberta ao fenômeno apresentado Lopes (2024). Feito o levantamento dessas vivências, desenvolve-se a sua problematização cuidadosa, buscando maior entendimento daquilo que expressam e permitindo, ainda, a ampliação da consciência sobre essas experiências, ao recordarem aquilo que possivelmente repetem.

Problematizadas a abordagem e o método, utilizamos alguns critérios para selecionar os participantes, sendo os aspectos nucleares: ser discente regular da UESB; ser pessoa diagnosticada com TEA; e apresentar desejabilidade para participar da pesquisa. Frente aos

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

critérios apontados, selecionamos sete discentes universitários com TEA, regularmente matriculados nos cursos de Psicologia, Ciências Sociais e Cinema e Audiovisual da UESB. Para tanto, tivemos como campo empírico a UESB *campus* de Vitória da Conquista-BA.

Levantados os critérios de inclusão dos participantes, e em busca do cuidado ético-estético da investigação, apresentamos as intencionalidades da pesquisa, assim como solicitamos a assinatura, em duas vias, do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Ademais, ressaltamos para os participantes que essa investigação acadêmica está vinculada à pesquisa “Percepções e atos de discentes universitários/as sobre a potência pedagógica das imagens no planejar-sentir-agir coletivo-colaborativo”, a qual foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da UESB, com parecer nº 5.967.645, aprovado em 27 de março de 2023.

Após essa etapa, para haver a triangulação de informações, nos apoiamos nos seguintes dispositivos: entrevistas fenomenológicas, observação participante de um grupo focal atento às imagens cinematográficas mais cristalizadas relacionadas à pessoa com TEA e análise fílmica de três longas-metragens associados às referidas imagens. Os longas-metragens analisados foram: *Rain Man* (1988), *Código para o Inferno* (1998) e *Temple Grandin* (2010).

No que se refere às entrevistas fenomenológicas, conforme Gomes (1997), estas consistem em entrevistas guiadas por roteiros mais flexíveis e abertos, a fim de captar a experiência consciente dos participantes. Segundo o autor, elas são gravadas, transcritas e interpretadas por meio dos seguintes passos reflexivos: descrição fenomenológica, redução fenomenológica e interpretação fenomenológica. Salientamos que essas entrevistas foram produzidas em um espaço-tempo favorável ao conforto e ao acolhimento particular dos entrevistados, sendo esse espaço a sala de reuniões do Colegiado de Curso de Psicologia. Nesse momento, foram respeitadas as limitações e as possibilidades dos participantes.

No que concerne à observação participante, para Bogdan e Taylor (1975, *apud* Batista Correia, 2009), ela refere-se a uma investigação que envolve interações sociais profundas entre o pesquisador e os participantes, sendo um procedimento que produz informações de forma sistematizada. Sublinhamos que tal observação foi desenvolvida no contexto de um grupo focal que, conforme Lervolino e Pelicioni (2001), consiste em um dispositivo de pesquisa qualitativa no qual se produzem informações por meio de reuniões com participantes relacionados ao tema pesquisado, permitindo o entendimento de problemáticas a partir da perspectiva coletiva. No caso desta pesquisa, realizamos três situações pedagógicas grupais de experientiação coletivo-colaborativa com imagens cinematográficas mais cristalizadas sobre pessoas diagnosticadas com TEA. Cada uma delas teve duração de 1 hora.

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

Além das entrevistas e da observação participante do grupo focal, ressaltamos que, a partir de longas-metragens relacionados às imagens da pessoa diagnosticada com TEA, foram feitas análises fílmicas, de acordo com as perspectivas metodológicas de Penafria (2009). Para a autora, essa análise envolve duas etapas principais: a primeira consiste em descrever os elementos presentes na obra cinematográfica e, em seguida, compreender as relações entre esses elementos, ou seja, interpretá-los.

Por fim, realizamos a descrição e a interpretação das informações produzidas, fundamentadas na perspectiva fenomenológica de Giorgi (2006), adotando, também, em alguns momentos, perspectivas mais hermenêuticas. A perspectiva de Giorgi consiste no Método Fenomenológico Empírico (MFE), que se configura em cinco etapas interdependentes: a *epoché*, ou suspensão fenomenológica, refere-se ao momento em que o pesquisador “suspende” seus preconceitos e juízos de valor, favorecendo a manifestação “nua e crua” do fenômeno pesquisado; a descrição qualificada das vivências dos participantes, produzida por meio de entrevistas; a transcrição, atravessada novamente pela suspensão de pressupostos e pela elaboração de sínteses parciais; a identificação e interpretação das “unidades de significação”, com o apoio da “técnica de variação livre e imaginária”, buscando revelar os aspectos essenciais do fenômeno; e, por último, a retomada do marco teórico, que subsidia a elaboração de categorias temáticas que expressam, de modo rigoroso, intersubjetivo e comunicável, a essência da experiência vivida (Castelo Branco, 2014).

Limites e possibilidades do TEA nas telas: das lentes cinematográficas ao imaginário social

Nesta seção, discutimos as principais informações produzidas nas entrevistas fenomenológicas, na observação participante de um grupo focal e na análise fílmica de três longas-metragens. Com o intuito de qualificar os processos descritivos e interpretativos dessas informações, partimos de dois movimentos: o agrupamento de núcleos de sentido comuns presentes nas percepções investigadas e a problematização das singularidades que emergiram dessas experiências.

Para tanto, visando manter o anonimato dos participantes, criamos codinomes embasados em personagens com TEA de filmes e séries que atravessam as experiências dos pesquisadores, sendo eles: Young-Woo (série *Uma Advogada Extraordinária*), Shaun (série *O Bom Doutor*), Sam (série *Atypical*), Grandin (filme *Temple Grandin*), Raymond (filme *Rain Man*), Quinni (série *Heartbreak High*) e Abed (série *Comunidade*). Em relação ao perfil dos participantes, mapeamos seus cursos de graduação, bem como suas identidades étnico-raciais e



PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

de gênero, de acordo com suas autodeclarações. Tal mapeamento permitiu identificar que quatro participantes eram do curso de Bacharelado em Psicologia, dentre os quais duas mulheres cis brancas e dois homens cis, sendo um branco e outro pardo; dois eram do curso de Licenciatura em Ciências Sociais, ambos homens cis, um preto e um pardo; e um era do curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual, homem cis branco.

Ao interpretarmos esse perfil interseccional dos participantes, podemos inferir que alguns deles podem vivenciar momentos de dupla vulnerabilidade social. Isso pode acontecer, uma vez que, entre os sete participantes, duas pessoas se identificam como mulheres cis, podendo vir-a-ser afetadas por situações de violência de gênero. Além disso, três participantes autodeclararam-se pertencentes ao grupo étnico-racial negro, sendo direta ou indiretamente atravessados pelo racismo (Lopes; Oliveira; Karam-Filho, 2025).

A partir dessas caracterizações, avançamos na discussão das informações, partindo do primeiro questionamento produzido com os participantes, que foi: **Descreva o seu entendimento acerca da concepção de imagens mais cristalizadas**. Na primeira situação pedagógica grupal, realizamos a apresentação dos objetivos da pesquisa aos participantes, a assinatura dos TCLEs e o levantamento e a problematização desse questionamento. A partir das falas, identificamos núcleos de sentido comuns que indicam que os participantes compreendem, em diferentes níveis de aprofundamento, a concepção de imagens mais cristalizadas, associando-as à produção de representações sociais e de estereótipos socialmente disseminados, decorrentes de processos de subjetivação. Tal compreensão dialoga com as formulações de Lopes (2024), ao conceber essas imagens como construções capazes de reduzir os plurissentidos de um fenômeno, apresentando-o por meio de formas-conteúdos monocromáticas, monofônicas ou, até mesmo, monológicas. Essa redução de sentidos relaciona-se à intencionalidade de grupos hegemônicos que, na tentativa de manutenção de seus privilégios, instauram padrões de normalidade, beleza e desejabilidade, os quais, direta ou indiretamente, vulnerabilizam pessoas que se distanciam desses preceitos.

Nessa direção, para Sam, Quinni e Grandin, as imagens mais cristalizadas emergem associadas à experiência dos estereótipos, compreendidos como formas generalizantes de apreensão social de determinados grupos, constituindo-se enquanto reduções intencionais de seus múltiplos sentidos e modos de existência. Tais compreensões dialogam com as noções de estereótipo propostas por Lippmann (1922), ao reconhecê-los como elaborações generalizadas, deturpadas e exageradas acerca de determinados grupos sociais. Esse conceito pode manifestar-se, ainda, por meio de expectativas e atributos socialmente atribuídos a grupos e pessoas sócio-político-espacialmente excluídas ou em condição de vulnerabilidade social, implicando,

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRÁFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

intersubjetivamente, nos modos de pensar-sentir-agir de outros grupos em relação a essas pessoas e nas dinâmicas intergrupais (Jairo; França, 2022).

Me parece que são estereótipos. Por exemplo, a imagem mais cristalizada de um brasileiro está associada aos estereótipos do brasileiro. [...] Eu entendo que imagens mais cristalizadas são aquele entendimento, aquela imagem que se tem sobre algo. Por exemplo, a imagem do que é o autista, no sentido do que as pessoas pensam que é, e que é cristalizada porque a cultura apresenta essa imagem como representação, que, às vezes, é mais distorcida (Sam, entrevista fenomenológica, 2025).

Eu acho que uma imagem mais cristalizada passa uma noção de estereótipo, de uma figura mais enrijecida do que você imagina que é. E o cristalizado também me remete a algo que, quando você pensa nisso, essa é a visão que você tem (Quinni, entrevista fenomenológica, 2025).

Imagem mais cristalizada, eu sinto que seja uma concepção muito estereotipada, muito provavelmente sobre algumas pessoas, sobre uns “tipos de pessoas” (Grandin, entrevista fenomenológica, 2025).

Localizamos, nas percepções de Shaun e Abed, aproximações entre o conceito de imagens mais cristalizadas e o de representações sociais, compreendidas como formas de conhecimento que mediam os processos de pensar-sentir-agir entre as pessoas. Tais representações revelam-se como construções consensualmente determinantes, elaboradas coletivamente acerca de determinados fenômenos, constituindo modos de expressão do saber produzido sobre a realidade de um grupo (Sousa; Souza, 2021). Nessa perspectiva, esse saber socialmente produzido pode assumir um caráter estereotipante, aproximando-se das percepções de Sam, Quinni e Grandin, ao atuar como limitador das significações atribuídas a determinados grupos sociais. Desse modo, as representações sociais podem contribuir para a consolidação de imagens mais cristalizadas, sobretudo quando passam a reduzir a diversidade de experiências, características e modos de existência das pessoas que compõem esses grupos.

Para mim, são as representações sociais, os símbolos que a gente tem na nossa cabeça, construídos através do meio social em que a gente está inserido e, talvez, sob a perspectiva do TEA, interpretar algumas questões de estigma (Shaun, entrevista fenomenológica, 2025).

Uma representação social: geralmente, pessoas autistas são associadas a dificuldades de socialização, dificuldades em viver em ambientes com poluição sonora e outras coisas (Abed, entrevista fenomenológica, 2025).

Já Raymond e Young-Woo evidenciam aproximações mais intuitivas com o conceito, mobilizando interpretações associadas à ideia de fixidez, permanência e imediatismo. Embora não apresentem elaborações teóricas mais aprofundadas, suas percepções permitem compreender as imagens mais cristalizadas como formas de entendimento que tendem a se

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

estabilizar socialmente, tornando-se referências quase automáticas quando se pensa em determinados fenômenos, grupos ou modos de existência.

Bem, na minha cabeça vem uma imagem de cristal. Bom, eu não sei... Eu acho que é algo óbvio, entende? Que vem à mente quando se pensa em algo (Raymond, entrevista fenomenológica, 2025).

Não sei... Eu nunca ouvi esse termo “imagem mais cristalizada”. Eu acho que parece uma coisa meio... algo fixo, né? Uma imagem de alguma coisa que não muda, não sei (Young-Woo, entrevista fenomenológica, 2025).

Ao avançarmos nas discussões decorrentes dos acontecimentos grupais e das percepções produzidas nas entrevistas, foi tecido o segundo questionamento: **Como você percebe que o TEA é apresentado nos filmes, séries e novelas?** Na segunda situação pedagógica grupal, experienciamos, enquanto dispositivo disparador de percepções sobre o TEA nas produções cinematográficas, o curta-metragem *Fitas*, cuja protagonista é a primeira personagem autista não verbal da Pixar. Em geral, identificamos um núcleo de sentido comum, atravessado por surpresa e identificação de similaridades de vida-formação dos participantes com a protagonista do curta-metragem, o que manifestou a potencialidade da obra experienciada. A surpresa dos participantes associou-se, sobretudo, aos contatos prévios com produções que tendiam a apresentar, de maneira rasa e cristalizada, as pessoas com TEA.

Nessa direção, no que se refere à categorização das singularidades perceptivas, observamos que, para Abed, Sam, Young-Woo e Grandin, as imagens de pessoas autistas nos dispositivos cinematográficos aparecem, frequentemente, associadas à figura do autista gênio ou superdotado. Sobre essa questão, cabe destacar que pessoas com TEA podem apresentar dupla excepcionalidade e superdotação, aspecto que, conforme discutem Cipriano e Zaqueu (2022), tende a manifestar-se com maior frequência em pessoas classificadas no nível 1 de suporte. Contudo, tal característica não abrange todas as pessoas com TEA, tampouco constitui uma especificidade exclusiva desse diagnóstico.

Percebo uma presunção de que pessoas autistas têm que ser superdotadas. Eu acho que não é sobre isso. Há representações desse tipo em séries e filmes, que mostram pessoas geniais [...] Claro que algumas têm hiperfoco em determinadas áreas, mas as mídias sociais e os meios midiáticos, como TV, séries e filmes, acabam exacerbando essa ideia de que pessoas neurodivergentes são “gênios” (Abed, entrevista fenomenológica, 2025).

Eu percebo que há algumas frequências na forma como o autismo é apresentado nos filmes, como a do autista gênio (Sam, grupo focal, 2025).

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

Eu estou pensando aqui nos personagens. Eu acho que muitos deles são sempre retratados como gênios e muito inteligentes (Young-Woo, entrevista fenomenológica, 2025).

A pessoa que assiste, sei lá, *The Good Doctor*, pensa que o autista vai se tornar médico, um cirurgião excelente, capaz de fazer coisas inimagináveis, mas não é assim (Grandin, entrevista fenomenológica, 2025).

Sobre a imagem mais cristalizada do autista “gênio”, evidenciada nas percepções dos participantes, as análises fílmicas de *Temple Grandin* (2010), *Rain Man* (1988) e *Código para o Inferno* (1998) revelam recorrentes associações entre o TEA e habilidades extraordinárias. Em *Temple Grandin* (2010), a protagonista Temple, mulher cis branca, adulta, autista e de classe média alta, é retratada por meio de elevadas capacidades visuoespaciais, acadêmicas e mecânicas. Em *Rain Man* (1988), Raymond, homem cis branco, adulto, autista e com Síndrome de Savant, condição caracterizada pela manifestação de talentos e habilidades consideravelmente superiores aos níveis gerais de funcionamento intelectual ou desenvolvimento, podendo estar associada ou não ao TEA (Rodrigues; Nascimento; Maia, 2020), destaca-se pela memória excepcional e rapidez em cálculos matemáticos. Já em *Código para o Inferno* (1998), Simon, criança autista, homem cis branco, é representado como capaz de decifrar códigos extremamente complexos. Embora tais características possam estar presentes em algumas pessoas autistas, especialmente em casos de dupla excepcionalidade (Schmidt, 2012), as três obras tendem a fortalecer uma associação generalizante entre TEA e genialidade, contribuindo para a produção de imagens mais cristalizadas acerca do autismo. Essa representação dialoga diretamente com as percepções dos participantes, que problematizam a recorrente expectativa social de que pessoas autistas sejam necessariamente gênios ou possuam habilidades extraordinárias.

Ainda acerca das imagens cinematográficas mais cristalizadas identificadas pelos participantes, emergem, nas percepções de Quinni, Grandin e Abed, representações de pessoas com TEA associadas à incapacidade. Tais participantes relacionam essa construção imagética a produções que tendem a retratar pessoas autistas a partir de níveis mais elevados de suporte (níveis 2 e 3), enfatizando maiores necessidades de auxílio, bem como prejuízos moderados ou graves na comunicação verbal, na coordenação motora e nas interações sociais, evidenciando, de forma mais acentuada, as características do transtorno (APA, 2014). Nessa direção, tal perspectiva pode favorecer leituras reducionistas acerca do TEA, ao restringir a compreensão da experiência autista à ideia de dependência, limitação e incapacidade.

Autistas aparecem como incapazes, que geram sofrimento. Aí vai depender para quem é esse sofrimento; pode ser para a pessoa com TEA ou para as

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

peças que lidam com a pessoa que tem o TEA (Quinni, entrevista fenomenológica, 2025).

É comum, nas séries, que, quando criam personagens autistas, geralmente sejam aqueles com estereótipos, em um nível de suporte provavelmente mais alto que o meu (Grandin, entrevista fenomenológica, 2025).

Acho que, nessas mídias, as pessoas autistas também aparecem como quem não tem ‘facilidade’ de aprendizagem e não consegue fazer algumas coisas (Abed, entrevista fenomenológica, 2025).

Para Sam e Shaun, essas representações constituem extremos de cristalização das imagens sobre pessoas autistas, oscilando entre a genialidade e a incapacidade. Tal redução dos plurissentidos do TEA dificulta compreensões mais abertas e complexas acerca do autismo, favorecendo perspectivas hegemônicas e a reprodução de desigualdades e exclusões sócio-político-espaciais (Lopes; Macêdo; Sitja, 2023).

O que aparece em filmes, séries e novelas é muito estigmatizado: os personagens são ou muito “esquisitos”, incapacitados, ou supergênios. Raramente surge um meio-termo (Shaun, entrevista fenomenológica, 2025).

É muito puxado para os extremos: ou a pessoa autista tem tanta dificuldade que é difícil ver um lado positivo, sendo apenas um sofrer sobre isso, ou algo extremamente produtivo, de genialidade, sendo que, em alguns casos, a obra nem lida, de fato, com o autismo (Sam, entrevista fenomenológica, 2025).

Além das imagens do “gênio” e do “incapaz”, os participantes Shaun e Quinni apontam outra imagem mais cristalizada do TEA: a do “infantil”. Para Lopes (2024), essa construção vincula-se a produções cinematográficas que representam pessoas autistas de forma infantilizante (pouco disciplinadas, autônomas ou responsáveis), refletindo um etarismo que valoriza a juventude e a vida adulta como fases mais produtivas sob a lógica do capital. Nessa direção, esse infantilismo pode repercutir na desqualificação e no silenciamento de falas e ações de pessoas com TEA, especialmente sobre diversidade sexual e de gênero, limitando experiências sociais e afetivas e interferindo em processos educativos, o que as torna mais vulneráveis a experiências adversas (Strini; Melo; Zeoti, 2025). Observamos essa lógica em *Rain Man*, quando Raymond é retratado como alguém alheio às experiências sexuais e incapaz de compreendê-las.

Um dos estereótipos que surge é o da criança, seja na apresentação de alguém com TEA que, por ser literalmente uma criança, passa a ser tratado assim o tempo todo, mesmo ao crescer; seja na representação de um adolescente ou adulto, que é visto como alguém infantil. [...] Quando eu digo que tenho TEA, passo a ser tratada como criança ou como alguém muito frágil (Quinni, entrevista fenomenológica, 2025).

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

Muitas vezes, tentam infantilizar a pessoa com autismo. Eu mesmo tenho tatuagem, e as pessoas reagem com estranhamento: “Como assim você tem tatuagem?” (Shaun, grupo focal, 2025).

Para além dessas imagens cinematográficas mais cristalizadas, Quinni e Young-Woo destacam a reduzida diversidade nas características atribuídas aos personagens com TEA, especialmente no que se refere às questões de gênero e étnico-raciais, relacionando esse aspecto aos seus próprios processos de identificação enquanto pessoas com TEA. Nessa direção, como reflexo dessa reduzida diversidade, observamos, com base em Orrú (2025), a invalidação do diagnóstico de TEA por familiares, profissionais ou pessoas do convívio social, sobretudo no caso de mulheres autistas e pessoas negras, que se distanciam da imagem mais cristalizada do autista enquanto homem branco infantil, expressão de práticas capacitistas que ainda posicionam a PcD a partir de perspectivas marcadas pela incapacidade.

Quando eu digo a alguém que tenho TEA e não correspondo ao perfil que a pessoa imagina, ou não “dou pinta” de que tenho TEA, isso se torna uma questão para ela: se eu não me comporto como esses personagens, para ela eu não teria TEA. [...] Eu estou fora do grupo de um estereótipo “visual” de uma pessoa com TEA; espera-se um homem branco e, talvez, com menos traquejo social do que eu (Quinni, entrevista fenomenológica, 2025).

As características físicas dos personagens geralmente são limitadas: é sempre um homem branco. Acredito que falta mais diversidade para representar as pessoas dentro do espectro. [...] Às vezes, até dizem que eu não “pareço” ser autista ou acham estranho uma mulher ser diagnosticada (Young-Woo, entrevista fenomenológica, 2025).

Na busca pelo aprofundamento das implicações socioespaciais dessas imagens, o terceiro questionamento que desenvolvemos foi: **Você acredita que as formas como o autismo aparece nos filmes, séries e novelas repercutem socioespacialmente na sua vivência enquanto pessoa diagnosticada com TEA? Se sim, de que maneira?** Nesse contexto, na terceira situação pedagógica do grupo focal, os participantes relacionaram as imagens cinematográficas mais cristalizadas do TEA às suas próprias vivências, evidenciando repercussões associadas tanto às autocobranças e expectativas externas, quando percebidos como “gênios”, quanto à desvalorização e ao descaso, quando compreendidos como incapazes. As entrevistas fenomenológicas indicaram, ainda, que essas imagens podem contribuir para a deslegitimação das capacidades de pessoas autistas, para sua exclusão sócio-político-espacial e para a invalidação das dificuldades daqueles que não correspondem aos perfis de TEA socialmente cristalizados, repercutindo em suas experiências sociais, acadêmicas e políticas.

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

Nesse contexto, em atenção ao agrupamento das singularidades perceptivas, observamos, nas entrevistas fenomenológicas, que, para Quinni, Abed, Raymond e Young-Woo, a imagem do autista enquanto incapaz favorece processos de deslegitimação de suas capacidades e restrição de suas possibilidades de participação socioespacial. Nesse sentido, Quinni (entrevista fenomenológica, 2025) relata que, ao revelar o diagnóstico, “as pessoas me percebem como incapaz, mesmo que, até então, eu só tenha demonstrado minhas capacidades”, enquanto Abed destaca que “existem lugares que as pessoas acham que autistas não podem estar, como ambientes de socialização ou acadêmicos”. Tais percepções dialogam com a concepção de capacitismo em Mello (2016), compreendida como uma postura preconceituosa que vulnerabiliza PcDs e neurodivergentes, frequentemente generalizadas enquanto incapazes.

Por sua vez, Sam, Grandin e Shaun ressaltam que a polarização entre as imagens do autista “gênio” e “incapaz” produz a invalidação das experiências daqueles que não se enquadram nesses extremos, repercutindo em sentimentos de não pertencimento e no reconhecimento insuficiente de necessidades específicas. Conforme afirma Sam (entrevista fenomenológica, 2025), “os estereótipos mais comuns são ou de uma hiper competência ou de uma deficiência incapacitante. Pessoas autistas que não estão nesses extremos, como eu, tendem a ser frequentemente invalidados em suas dificuldades”. O participante relaciona, ainda, essa problemática ao debate sobre direitos, mencionando que “houve um receio sobre essa PL”, referindo-se ao Projeto de Lei (PL) 6238/2025. Embora arquivada, a proposição suscitou preocupações quanto à possibilidade de exclusão de direitos de autistas nível 1, evidenciando como imagens mais cristalizadas podem sustentar interpretações que deslegitimam necessidades e fragilizam o reconhecimento sócio-político-espacial de pessoas com TEA.

Após a interpretação das implicações socioespaciais das imagens cinematográficas mais cristalizadas na vida-formação de pessoas com TEA, desenvolvemos o quarto e último questionamento: **Como você acredita que os filmes, séries e novelas poderiam retratar pessoas com TEA sem que elas sejam estereotipadas ou generalizadas?** De modo geral, os núcleos de sentido comum apontam para a necessidade de ampliar a diversidade representacional do espectro e de favorecer a participação de pessoas autistas na elaboração de produções cinematográficas sobre o tema.

No agrupamento das singularidades perceptivas, as falas de Young-Woo e Abed evidenciam críticas à recorrência de personagens predominantemente brancos, masculinos, crianças ou adolescentes e frequentemente associados à genialidade, sobretudo nas áreas das Ciências Exatas e Naturais (Orrú, 2025). Assim, os participantes defendem representações mais plurais e humanizadas, capazes de contemplar diferentes marcadores sociais, interesses,

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

habilidades e formas de experienciar o mundo, favorecendo a desconstrução de imagens mais cristalizadas e a construção de compreensões mais abertas acerca do TEA.

Eu acho que poderia haver mais diversidade, mostrando mais mulheres, pessoas pretas e de várias idades, não apenas em faixas específicas. Também poderia ser mostrado que, apesar de pessoas autistas apresentarem comportamentos parecidos, cada indivíduo possui particularidades e maneiras diferentes de lidar com as situações. Alguns, por exemplo, podem gostar mais de socializar do que outros (Young-Woo, entrevista fenomenológica, 2025).

Eu gostaria de ver mais diversidade de pessoas autistas nas séries, porque as representações ficam muito estereotipadas: personagens extremamente inteligentes, que gostam muito das áreas de Ciências da Natureza e Ciências Exatas. Não houve, por exemplo, personagens autistas interessados em Ciências Humanas ou Linguagens (Abed, entrevista fenomenológica, 2025).

Em seguimento, Quinni e Sam apontam a importância de produções cinematográficas que apresentem personagens autistas para além de sua neurodivergência, reconhecendo-os enquanto pessoas complexas, atravessadas por diferentes valores, atitudes e comportamentos. Nesse sentido, Quinni destaca a redução do personagem autista a características estereotipadas, enquanto Sam ressalta a importância de representações que evidenciem autistas como pessoas integrais, evitando que o diagnóstico se torne o único elemento definidor de suas identidades.

É importante pensar nos “porquês” de um personagem. Faz sentido que ele tenha TEA em sua narrativa? É necessário considerar que tipo de referência você está usando. Por exemplo, personagens chatos: eu acho válido que o personagem com TEA seja chato, assim como qualquer outra pessoa poderia assumir esse papel, mas não faça dele chato apenas por ter TEA; ele tem TEA e, além disso, é chato (Quinni, entrevista fenomenológica, 2025).

Uma boa representação seria aquela que mostra que o personagem autista também é uma pessoa, com seus defeitos e qualidades. [...] É importante deixar claro o que ele é (Sam, entrevista fenomenológica, 2025).

Posteriormente, Raymond e Grandin revelam a necessidade do protagonismo de pessoas com TEA nas construções cinematográficas acerca do autismo. Para eles, possibilitar que pessoas autistas integrem os processos de planejamento e implementação dessas produções pode favorecer a desconstrução de imagens cinematográficas mais cristalizadas, percepção que dialoga com Mottron (2004), ao enfatizar a importância de relatos autobiográficos e da participação de pessoas neurodivergentes na ampliação das discussões acerca do autismo.

Acho que é importante oferecer condições para que pessoas autistas produzam sobre si mesmas ou participem do processo de construção de obras cinematográficas que tratem do TEA, contando nossas próprias histórias (Raymond, entrevista fenomenológica, 2025).

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

É importante realmente procurar se informar mais, tentar entender e envolver pessoas autistas dispostas a interpretar os papéis e capazes de fazê-lo. Acho que isso tornaria a representação muito mais “natural” e ativa. Até mesmo o ator poderia dar essas orientações aos produtores, para que as empresas compreendam melhor, sabe? (Grandin, entrevista fenomenológica, 2025).

Por sua vez, Shaun aponta que a desconstrução dessas imagens pode emergir a partir de ações que ultrapassam o campo cinematográfico. Segundo o participante, torna-se relevante ampliar as discussões relacionadas ao TEA nos mais diversos espaços-tempos, favorecendo a produção de compreensões mais amplas e abertas no meio social acerca do autismo, bem como possibilitando entendimentos do TEA para além de imagens mais cristalizadas.

Deveria haver uma forma direta de tratar determinados personagens, indicando que a personagem é uma pessoa com TEA. Acho importante, ao pensar sobre o TEA, ampliar a discussão sobre como é ser uma pessoa com TEA. Se essa discussão for mais implementada, as pessoas que não têm TEA poderiam atribuir, de forma mais justa, o que significa ser uma pessoa com TEA, entendendo que é um espectro e que ninguém será igual a determinado personagem com autismo (Shaun, entrevista fenomenológica, 2025).

Por fim, compreendemos que imagens cinematográficas mais cristalizadas podem repercutir socioespacialmente na vida-formação de pessoas autistas, sobretudo ao comporem repertórios sociais a partir dos quais o autismo passa a ser percebido e significado no imaginário social. Frente a isso, os participantes desenvolvem, na medida do possível, estratégias de tensionamento dessas imagens mais cristalizadas, buscando minimizar as implicações produzidas por elas nos dispositivos cinematográficos.

Imagens (in)conclusivas

Por meio desta investigação, buscamos revelar as percepções de discentes universitários acerca das repercussões socioespaciais de imagens cinematográficas mais cristalizadas na vida-formação de pessoas diagnosticadas com TEA. As discussões teórico-conceituais evidenciaram que as imagens não se configuram como produções neutras, mas como formas-conteúdos atravessadas por intencionalidades, valores e disputas de poder. Nessa perspectiva, quando mais cristalizadas, tendem a reduzir os plurissentidos que envolvem os fenômenos humanos, favorecendo a reprodução de estereótipos, estigmas e processos sócio-político-espaciais de exclusão. Conforme discutido ao longo do texto, tais reduções podem atuar na manutenção dos privilégios de grupos hegemônicos, ao produzirem representações que legitimam determinadas formas de existência, enquanto desqualificam, invisibilizam ou subordinam outras.

PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

Nessa direção, as informações produzidas indicaram que os participantes compreendem as imagens mais cristalizadas como estereótipos e/ou representações sociais. No campo cinematográfico, destacaram-se, sobretudo, as imagens do autista “gênio”, do autista “incapaz”, da infantilização e da reduzida diversidade de gênero, étnico-racial e etária, aspectos que tendem a produzir entendimentos simplificados sobre o espectro autista. Tais representações repercutem nas experiências dos participantes, influenciando a maneira como são percebidos nos espaços acadêmicos, profissionais e sociais, bem como os modos pelos quais pensam, sentem e agem sobre si mesmos. Nesse sentido, as imagens cinematográficas revelam-se como dispositivos capazes de produzir efeitos concretos nos processos de inclusão, reconhecimento e pertencimento de pessoas com TEA.

Além disso, os participantes apontaram possibilidades de tensionamento dessas construções imagéticas, destacando a ampliação da diversidade representacional do espectro autista, a participação ativa de pessoas autistas na elaboração de suas próprias narrativas, o fortalecimento de discussões públicas sobre o TEA e o compromisso ético das produções cinematográficas com a complexidade das experiências neurodivergentes. Tais elementos sugerem caminhos para a construção de representações mais abertas, capazes de acolher a pluralidade das vidas-formações autistas e de favorecer processos mais críticos de produção e interpretação das imagens que as atravessam.

Por fim, compreendemos estas reflexões como considerações (in)conclusivas, uma vez que não encerram as discussões acerca das repercussões socioespaciais das imagens cinematográficas na vida-formação de pessoas com TEA. Pelo contrário, apontam para a necessidade de novas investigações e ações que favoreçam a produção de imagens mais abertas, bem como o fortalecimento de políticas públicas, projetos sociais e práticas educativas comprometidas com a diversidade humana. Espera-se, assim, contribuir para a ampliação de compreensões acerca do espectro autista, para o reconhecimento de suas singularidades e para a construção de espaços-tempos mais inclusivos, nos quais pessoas com TEA possam participar, narrar suas experiências e desenvolver suas potencialidades com dignidade e reconhecimento social.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, M. A. L. de. A imagem, o imaginário e a imaginação como expressões transdisciplinares. In: TRINCHÃO, G. M. C. (org.). **Desenho e visualidades**. Salvador: EDUFBA, 2016. p. 139-156. (Coleção Desenho, Cultura e Interatividade, v. 1).



PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

BATISTA CORREIA, M. da C. A observação participante enquanto técnica de investigação. **Pensar Enfermagem**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 30–36, 2009. DOI: 10.56732/pensarenf.v13i2.32. Disponível em: <https://pensarenfermagem.esel.pt/index.php/esel/article/view/32>. Acesso em: 3 dez. 2025.

BIALER, M.; VOLTOLINI, R. Autismo: história de um quadro e o quadro de uma história. **Psicologia em Estudo**, v. 27, 13 dez. 2022.

CASTELO BRANCO, P. C. Diálogo entre análise de conteúdo e método fenomenológico empírico: percursos históricos e metodológicos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 189-197, dez. 2014.

CIPRIANO, J. A.; ZAQUEU, L. C. C. A dupla excepcionalidade altas habilidades/superdotação associada ao transtorno do espectro autista: compreendendo as especificidades. **Conjecturas**, v. 22, n. 1, p. 1023-1041, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/358196912_A_dupla_excepcionalidade_altas_habilidades_superdotação_associada_ao_transtorno_do_espectro_autista_compreendendo_as_especificidades. Acesso em: 22 dez. 2025.

CÓDIGO PARA O INFERNO. Direção: Harold Becker. Estados Unidos: Universal Pictures, 1998. (112 min).

DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia: a história do autismo**. Trad. L. A. de Araújo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GIORGI, A. Difficulties encountered in the application of the phenomenological method in the social sciences. **Análise Psicológica**, v. 24, n. 3, p. 353-361, 2006.

GOMES, W. B.. A Entrevista Fenomenológica e o Estudo da Experiência Consciente. **Psicologia USP**, v. 8, n. 2, p. 305–336, 1997.

JAIRO, I.; FRANÇA, D. X. DE. Os Estereótipos: Uma revisão Sistemática das Publicações Conceituais. **Cadernos de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 20, 14 out. 2022.

KANNER, L. Os distúrbios autísticos do contato afetivo. In: ROCHA, P. S. (org.). **Autismos**. São Paulo: Escuta, 2012. p. 111-170.

LERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n. 2, p. 115–121, jun. 2001.

LIPPMANN, W. **Public Opinion**. Nova York: Macmillan, 1922.

LOPES, W. F. **Percepções e atos de discentes universitários/as sobre a potência pedagógica das imagens no planejar-sentir-agir coletivo-colaborativo**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, Salvador, 2024.

LOPES, W. F.; MACÊDO, M. G. A.; SITJA, L. M. Q. Experiências e produções de sentidos com imagens nos espaços-tempos escolares: percepções político-pedagógicas de docentes de Geografia. In: SAMPAIO, A. V. O. *et al.* (org.). **Horizontes do pensamento geográfico: conhecimento e práticas no ensino de Geografia**. Curitiba: CRV, 2023. p. 189-205.



PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

LOPES, W. F.; OLIVEIRA, M. G. A. M. de; KARAM-FILHO, J. Experiências discentes: acesso e permanência de neurodivergentes no espaço universitário. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 34, n. 79, p. 258–276, 2025. DOI: 10.21879/faeaba2358-0194.2025.v34.n79.p258-276. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/faeaba/article/view/23898>. Acesso em: 2 dez. 2025.

MELLO, A. G. DE .. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 10, p. 3265–3276, out. 2016.

MENDONÇA, V. A. S. de. **Neurodivergentes: autismo na contemporaneidade**. Belo Horizonte: Manduruvá Edições Especiais, 2019.

MOTTRON, L. **L'autisme: une autre intelligence: diagnostic, cognition et support des personnes autistes sans déficience intellectuelle**. Bruxelles: Mardaga, 2004.

MUCCHIELLI, A. **Les méthodes qualitatives**. Paris: Presses Universitaires de France, 1991.

ORRÚ, S. E. 'Cê nem parece autista'. O movimento anticapacitista na literatura de mulheres autistas. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 47, n. 1, p. e74766, 3 jul. 2025.

PENAFRIA, M. Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). In: **VI Congresso SOPCOM**. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, 2009. p. 1-10.

RAIN MAN. Direção: Barry Levinson. Estados Unidos: MGM/UA Communications Co., 1988. (133 min).

RODRIGUES, V.; NASCIMENTO, S.; MAIA, L. Transtorno do espectro autista: o Síndrome de Savant. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Lisboa, v. 21, n. 2, p. 387-394, 2020.

SARTRE, J. P. **O imaginário: psicologia fenomenológica da imaginação**. São Paulo: Ática, 1996.

SCHMIDT, C. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 2, p. 221-230, 2 jul. 2017.

SCHMIDT, C.. Temple Grandin e o autismo: uma análise do filme. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 18, n. 2, p. 179–194, abr. 2012.

SILVA, H. P.; LOPES, W. F. Desdobramentos socioespaciais na inclusão de discentes universitários diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em uma organização de educação superior. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 6, n. 13, p. 1-26, jan./dez., 2025.

SOUSA, K. N.; SOUZA, P. C. Social representation: A theoretical review of the approach. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 10, n. 6, p. e38610615881, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i6.15881. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/15881>. Acesso em: 15 dez. 2025.

STRINI, M. J. G.; MELO, A. de S.; ZEOTI, F. S. INVISIBILIZADA, NEGADA E MAL-COMPREENHIDA: A SEXUALIDADE DA PESSOA COM AUTISMO. **Revista Brasileira**



PERCEPÇÕES DE DISCENTES UNIVERSITÁRIOS SOBRE AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DE
IMAGENS CINEMATOGRAFICAS MAIS CRISTALIZADAS NA VIDA-FORMAÇÃO DE PESSOAS
DIAGNOSTICADAS COM TEA

Eduardo Gomes Moraes • Willian Falcão Lopes

de **Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 36, p. 1192, 2025. DOI: 10.35919/rbsh.v36.1192.

Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/1192.

TEMPLE GRANDIN. [Filme-Vídeo]. Direção de Mick Jackson, EUA: HBO, 2010. (107 min.).

SOBRE OS AUTORES

Eduardo Gomes Moraes. Graduando em Bacharelado em Psicologia pela UESB. Bolsista do grupo de pesquisa Educação Geográfica e Psicossocial das Imagens Contemporâneas (EduGeoPsIC), vinculado à UESB.

Contribuição de autoria: Construção e revisão das seções do texto - <https://lattes.cnpq.br/7949264519584706>

Willian Falcão Lopes. Doutor e Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Graduado em Bacharelado em Psicologia pela UFBA e Licenciatura em Geografia pela UEFS. Professor Adjunto da UESB e do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PPGGeo/UESB. Líder do grupo de pesquisa Educação e Psicologia Contemporânea (EduPsiC), vinculado à UESB.

Contribuição de autoria: Construção e revisão das seções do texto - <https://lattes.cnpq.br/1616632734475612>

Como citar

MORAES, Eduardo Gomes; LOPES, Willian Falcão. Repercussões socioespaciais de imagens cinematográficas mais cristalizadas na vida-formação de discentes universitários diagnosticados com TEA. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade**, Itapetinga, v. 7, n. 14, p. 1-25, jan./dez. 2026.

